

Causas e efeitos de sua estagnação

Nelson Marconi

Coordenador executivo do Fórum de Economia da FGV e professor da FGV EAESP

A produtividade no Brasil encontra-se praticamente estagnada desde 2014, o que equivale a dizer que não crescemos nada neste período. Neste artigo argumentarei que a regressão em nossa estrutura produtiva e, por consequência, em nossa estrutura de emprego, tem sido um determinante importante desse comportamento.

Para discutir esse tema, deve-se inicialmente apresentar a medida mais usual de produtividade, que corresponde ao valor adicionado gerado por trabalhador. Esse indicador pode evoluir por dois motivos: o trabalhador pode aumentar sua produtividade em sua atividade corrente, em função do acúmulo de maior destreza (a chamada produtividade intrasetorial), ou pode se deslocar para um setor que gere maior valor adicionado *per capita* em termos relativos (a chamada produtividade inter-setorial, ou estrutural). Nesse último caso, a sua produtividade será maior porque ele terá de ser mais qualificado, isso é, possuir a capacidade para produzir bens mais sofisticados, que requerem maior escolaridade para tal e, portanto, o valor de sua força de trabalho será maior, fazendo com que o valor adicionado em cada



produto também seja maior. Além disso, a produção desse bem mais sofisticado requer tecnologia que é gerada em atividades que também demandam trabalhadores sofisticados e resultam em elevados salários e valor adicionado. Portanto, para que ocorra o processo de desenvolvimento econômico, é importante que os trabalhadores aumentem sua produtividade nas atividades que realizam mas, mais que isso, é fundamental que eles se desloquem para atividades que requeiram mais conhecimento e adoção de novas tecnologias, mesmo porque existe um limite para o crescimento da produtividade em atividades menos sofisticadas, como por exemplo, o número de corridas que um motorista de táxi consegue fazer ou a quantidade de mesas que o garçom consegue atender.

Essa transferência da produção e dos trabalhadores para os setores mais sofisticados é o que a literatura econômica chama de mudança estrutural, ou sofisticação da estrutura produtiva, e depende de fatores que estão associados tanto à oferta como à demanda por mão de obra; por um lado, devemos investir em educação, em pesquisa e desenvol-

vimento de novos produtos e serviços, no ambiente e custos dos negócios, mas também é necessário que haja demanda pelos produtos mais sofisticados, pois do contrário não há estímulo para investir e criar empregos nestes setores.

O Brasil sofre problemas tanto do lado da oferta como da demanda para elevar a sua produtividade. A estagnação dos últimos anos pode estar associada tanto a fatores relacionados à regressão em nossa estrutura produtiva, isso é, à mudança estrutural no sentido oposto ao desejado, na direção de setores menos dinâmicos e com menores salários e valor adicionado *per capita*, como à diminuição da produtividade dos trabalhadores em setores específicos. Existem métodos de decomposição da evolução da produtividade *per capita* nesses dois componentes, amplamente discutidos na literatura, mas neste artigo vou me prender ao impacto da mudança estrutural, por ter sido evidente e a discussão estar focada nesta questão.

Os dados apresentados a seguir sobre a economia brasileira foram estimados a partir das Contas Nacionais para o período entre 2000 e 2017 (dado mais recente), com algumas pequenas adaptações e agregações para o período anterior a 2010 para viabilizar a junção de séries com divisões setoriais um pouco distintas, porém sempre seguindo a classificação definida pelo IBGE com base na taxonomia internacional. Também busquei, no caso da manufatura, dividir os setores de acordo com o seu grau de intensidade tecnológica (segundo classificação da OCDE),¹ e tratar à parte o setor produtor de petróleo

Para que ocorra o processo de desenvolvimento econômico, é importante que os trabalhadores aumentem sua produtividade nas atividades que realizam

– extração e refino –, dadas suas características específicas.

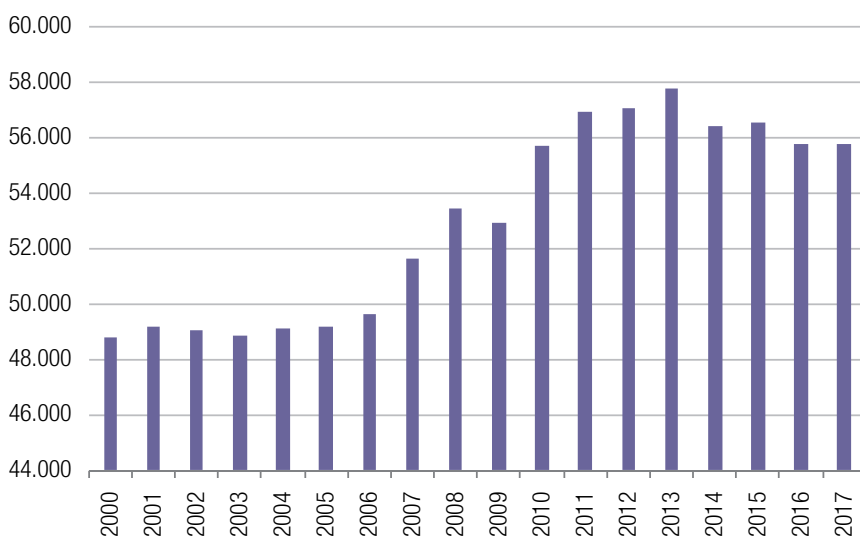
O gráfico 1 mostra a evolução da produtividade média da economia brasileira. Entre 2006 e 2013 nota-se um considerável avanço, seguido de uma estagnação e queda a partir de 2016, sendo que no último ano

da série – 2017 – nossa produtividade encontra-se no mesmo patamar observado há 7 anos antes, ou seja, em 2010. Os valores correspondem ao valor adicionado por trabalhador (ocupação, na verdade) e estão a preços de 2017.

Uma análise desagregada setorialmente se faz necessária para entender essa evolução. Para tal foram considerados 3 anos na análise: 2000, 2010 (dado que a produtividade em 2017 se encontrava em patamar semelhante, o que torna interessante a análise do que ocorreu nesse intervalo) e 2017.

A tabela 1 mostra a evolução da participação setorial do chamado valor adicionado a preços básicos. Os valores não foram deflacionados porque tanto o efeito preço como o volume são importantes para definir o retorno dos investimentos em um setor, bem como os próprios salários ali praticados. Em outras palavras, um preço relativo favorável, e não só

Gráfico 1 Produtividade média da economia brasileira – em reais de 2017



Fonte: Contas Nacionais, com cálculos do autor.

o volume de produção, também pesa na definição da remuneração e na alocação de fatores em um determinado setor e, portanto, na determinação da estrutura produtiva da economia.

Podemos observar que os grupos que elevaram sua participação no valor adicionado entre 2000 e 2010

estão ligados ao setor dinâmico da economia, como a indústria de média e média-alta tecnologia, bem como o petróleo. Já entre 2010 e 2017, o cenário é bem distinto: predominou o crescimento do setor de serviços, entre estes, alguns deles possuem elevado valor adicionado *per capita*, como

as atividades financeiras, educação e saúde. Mas outros são menos dinâmicos e geram valor adicionado *per capita* bem inferior, como comércio, alimentação e serviços domésticos. E, logicamente, deve notar-se a queda significativa na participação de toda a manufatura. Nesse quadro, é espe-

Tabela 1 Part. (%) no valor adicionado a preços correntes

		2000	2010	2017	Var % 10/00	Var % 17/10	VA <i>per capita</i> em 2017
	Total	100,0	100,0	100,0			55 795
A	Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	5,5	4,8	5,3	-12,3	10,4	23 168
	Indústria	26,7	27,4	21,1	2,3	-22,9	61 841
	Extrativa exceto petróleo	0,4	1,4	0,9	284,4	-38,1	275 681
	Petróleo - extração e refino	1,9	2,4	1,7	26,8	-28,8	1 287 392
	Manufatura - média-baixa tecnologia	6,1	5,7	5,2	-6,8	-9,5	44 287
	Manufatura - média tecnologia	2,5	2,8	2,0	9,9	-26,7	58 700
	Manufatura - média-alta tecnologia	4,5	5,0	3,4	11,3	-31,3	100 801
	Manufatura - alta tecnologia	1,3	1,0	0,8	-19,5	-17,5	210 075
D + E	Serviços de infraestrutura	3,1	2,8	2,8	-10,4	-2,1	226 157
D	Eletricidade e gás		2,1	1,9		-6,6	706 650
E	Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação		0,7	0,8		10,8	85 640
F	Construção	7,0	6,3	4,3	-10,0	-31,1	31 813
	Serviços	67,7	67,8	73,5	0,1	8,5	60 272
G	Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	8,1	12,6	13,2	55,4	4,4	39 546
H	Transporte, armazenagem e correio	3,7	4,3	4,3	16,8	1,0	49 892
I	Alojamento e alimentação	2,2	2,1	2,4	-2,8	14,1	24 231
J	Informação e comunicação	4,3	3,8	3,4	-10,5	-10,5	150 066
K	Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	6,8	6,8	7,6	-0,5	11,4	359 100
L	Atividades imobiliárias	12,2	8,3	9,8	-32,1	18,5	1 273 321
M + N + R + S	Serviços prestados às empresas e famílias	9,7	9,3	9,6	-4,2	2,6	40 241
M	Atividades científicas, profissionais e técnicas		3,8	3,8		-1,2	72 147
N	Atividades administrativas e serviços complementares		3,6	4,0		11,7	44 199
R	Artes, cultura, esporte e recreação		0,4	0,4		-12,8	19 979
S	Outras atividades de serviços		1,5	1,4		-5,4	18 236
O	Administração pública, defesa e seguridade social	10,1	10,4	10,4	2,9	-0,3	121 921
P	Educação	5,4	5,0	6,7	-7,5	34,0	56 470
Q	Saúde humana e serviços sociais	4,0	3,9	4,9	-2,9	26,1	52 533
T	Serviços domésticos	1,2	1,2	1,3	3,9	3,2	11 021

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Contas Nacionais.

rada uma evolução menor, ou mesmo estagnação, da produtividade.

Um dos principais reflexos dessa regressão na estrutura produtiva, em direção aos setores menos dinâmicos da economia, é a piora na qualidade dos empregos gerados, no tocante à remuneração praticada. A tabela 2

mostra a evolução da participação setorial na composição das ocupações para o mesmo período considerado na tabela 1, notando-se um comportamento muito semelhante; cresce a participação da ocupação na manufatura no primeiro período, bem como em petróleo, diversos serviços e, entre

estes, a destacar informação e comunicação, essencial para o desenvolvimento de tecnologias atualmente. Já no segundo período, nota-se queda da participação da ocupação na indústria e crescimento em praticamente todos os setores de serviços, mas com destaque para alguns que praticam remunera-

Tabela 2 Part. (%) nas ocupações

		2000	2010	2017	Var % 10/00	Var % 17/10
	Total	100,0	100,0	100,0		
A	Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	21,2	15,8	12,9	-25,7	-18,4
	Indústria	18,5	20,8	19,0	12,3	-8,5
	Extrativa exceto petróleo	0,2	0,2	0,2	-1,2	-16,3
	Petróleo - extração e refino	0,0	0,1	0,1	82,5	-13,2
	Manufatura - média-baixa tecnologia	6,6	7,0	6,5	6,1	-7,1
	Manufatura - média tecnologia	2,0	2,2	1,9	10,2	-14,1
	Manufatura - média-alta tecnologia	1,6	2,3	1,9	45,5	-17,0
	Manufatura - alta tecnologia	0,3	0,3	0,2	-8,4	-20,0
D + E	Serviços de infraestrutura	0,7	0,7	0,7	5,9	-4,6
D	Eletricidade e gás		0,1	0,2		6,1
E	Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação		0,6	0,5		-7,4
F	Construção	7,1	8,0	7,6	12,8	-5,3
	Serviços	60,2	63,4	68,1	5,3	7,4
G	Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	17,4	18,2	18,6	4,5	2,2
H	Transporte, armazenagem e correio	4,2	4,3	4,8	2,3	13,4
I	Alojamento e alimentação	4,8	4,8	5,6	-0,8	16,8
J	Informação e comunicação	1,0	1,2	1,3	22,4	8,5
K	Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	1,1	1,1	1,2	-2,7	6,8
L	Atividades imobiliárias	0,4	0,4	0,4	-11,4	22,9
M + N + R + S	Serviços prestados às empresas e famílias	10,7	11,9	13,3	10,5	11,9
M	Atividades científicas, profissionais e técnicas		2,5	2,9		17,8
N	Atividades administrativas e serviços complementares		4,6	5,1		9,9
R	Artes, cultura, esporte e recreação		0,9	1,1		11,7
S	Outras atividades de serviços		3,8	4,2		10,4
O	Administração pública, defesa e seguridade social	4,9	5,3	4,7	8,0	-9,8
P	Educação	5,1	5,7	6,6	11,9	14,8
Q	Saúde humana e serviços sociais	3,3	3,8	5,3	15,6	37,1
T	Serviços domésticos	7,4	6,9	6,4	-6,0	-7,7

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Contas Nacionais.

rações relativamente menores para os trabalhadores, conforme poderemos observar nos gráficos mais abaixo.

O gráfico 2 mostra a composição setorial das ocupações na economia brasileira em 2017. As barras mostram a participação de cada setor, enquanto a linha corresponde à participação acumulada, em termos marginais, dos diversos setores. Note-se que quatro setores respondem por praticamente

te 50% e sete a 65% das ocupações na economia brasileira. É importante observar esta constatação juntamente com os dados do gráfico 3, que traz as remunerações médias anuais, para os trabalhadores, em cada setor. Com exceção de educação e manufatura de baixa tecnologia, os demais entre estes sete setores estão entre os que pagam as menores remunerações. E, por outro lado, com exceção de educação

e administração pública, os demais setores que praticam as maiores remunerações exibem uma participação pequena na ocupação total e, com exceção de educação e eletricidade e gás, não se encontram entre os que mais elevaram sua participação no emprego entre 2010 e 2017, conforme pode se observar na tabela 2.

Como resultado de todo esse processo descrito acima, o emprego está concentrado em setores que praticam menores remunerações, com algumas exceções. Se o país quiser crescer de forma sustentável, precisa reverter esse quadro. Além do menor dinamismo para a economia resultante da perda de participação da manufatura e outros setores mais sofisticados, como informação e comunicação e atividades científicas e técnicas, esse quadro cria uma restrição estrutural a uma evolução consistente dos salários e da própria demanda agregada; se as ocupações forem criadas em setores que desenvolvem atividades menos sofisticadas, as remunerações também serão menos atrativas. Os dados dos anos mais recentes, oriundos de outras pesquisas como a Pnad e as Contas Nacionais Trimestrais, parecem indicar que esse movimento foi reforçado. E assim a economia continuará patinando, seja porque não evolui tecnologicamente ou por conviver com essa restrição ao maior crescimento da demanda agregada, até que a política econômica passe a priorizar as mudanças necessárias na estrutura produtiva. ■

Gráfico 2 Participação setorial na composição da ocupação em 2017 (em %)

Na coluna da esquerda, encontra-se o percentual de cada setor; na coluna da direita, o percentual acumulado

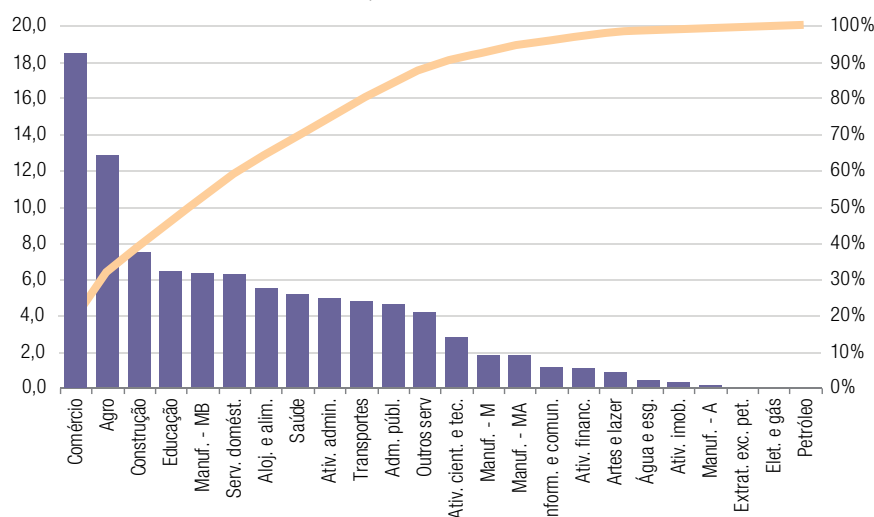
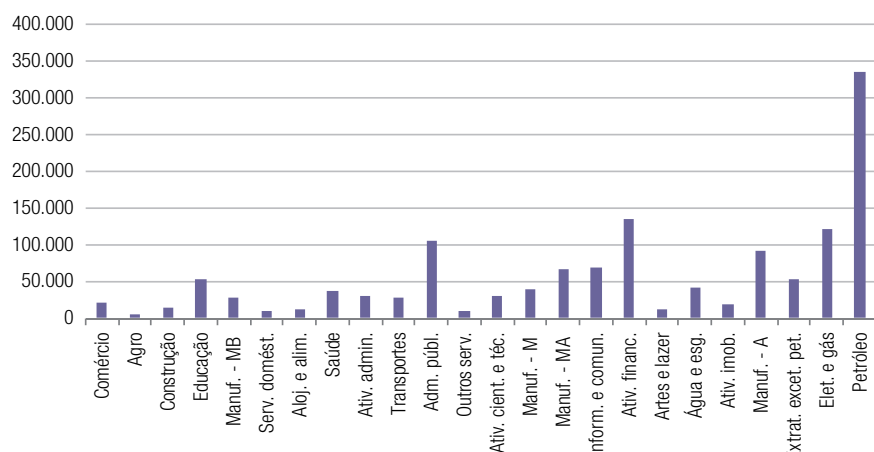


Gráfico 3 Remuneração média anual, em reais, por setor, em 2017



Fonte: Contas Nacionais

¹Galindo-Rueda, F.; F. Verger (2016), "OECD Taxonomy of Economic Activities Based on R&D Intensity", *OECD Science, Technology and Industry Working Papers*, n. 2016/04, OECD Publishing, Paris, <https://doi.org/10.1787/5jlv73sqqp8r-en>.